


DA ANATOMIA À ABSTRAÇÃO: MAPEAMENTOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS DO TERMO CABEÇA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Maira Mendes Magela*

 <https://orcid.org/0000-0003-0117-9981>

Como citar este artigo: MAGELA, M. M. Da anatomia à abstração: mapeamentos metafóricos e metonímicos do termo *cabeça* no português brasileiro. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 1-15, jan./abr. 2026. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETL17978>

Submissão: 11 de maio de 2025. **Aceite:** 2 de junho de 2025.

Resumo: Este artigo analisa a construção de sentidos do lexema *cabeça* no português brasileiro, com base na semântica cognitiva. O estudo foca os processos metafóricos e metonímicos que estruturam a polissemia do termo, considerando a linguagem como atividade simbólica enraizada na cognição e na experiência corporal. Foram examinadas 25 ocorrências do termo em um *corpus* eletrônico, selecionando os usos mais expressivos. Os resultados apontam para mapeamentos baseados em esquemas de imagem, metáforas conceituais e metonímias, organizados em estruturas prototípicas e redes radiais. A pesquisa destaca o corpo como matriz conceitual central.

Palavras-chave: Polissemia. Cognição. Cabeça. Metáfora. Metonímia.

* Universidad Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM), Lima, Peru. E-mail: mairamagela@gmail.com

INTRODUÇÃO

■ O lexema *cabeça* configura-se como um objeto particularmente fértil para a análise semântica em virtude de sua alta frequência em enunciados cotidianos, expressões idiomáticas e combinações livres no português brasileiro. Tal recorrência evidencia a multiplicidade de sentidos que esse termo pode evocar, abrangendo domínios como racionalidade, liderança, memória, inteligência, cognição e comportamento. Os falantes mobilizam o termo *cabeça* para expressar experiências concretas e abstratas, o que o torna exemplar para estudos sobre polissemia.

À luz da linguística cognitiva, especialmente a partir dos trabalhos de Langacker (2008), compreende-se que a linguagem é uma atividade simbólica profundamente enraizada na cognição, na corporeidade e na experiência. Nesse modelo teórico, a gramática é entendida como a organização simbólica do conteúdo semântico, e o significado assume papel central na análise linguística. Assim, o funcionamento linguístico não se limita apenas à referência, mas também à introspecção e à representação de estruturas mentais experienciadas.

A polissemia, nesse contexto, não é concebida como anomalia lexical, mas como reflexo da capacidade humana de categorizar o mundo a partir de experiências recorrentes e situadas. Permite que um mesmo signo linguístico expresse uma variedade de sentidos interligados, promovendo a economia expressiva do sistema linguístico. Conforme proposto por Lakoff e Johnson (2005), os múltiplos sentidos de um lexema derivam de mecanismos cognitivos como metáforas e metonímias, processos que projetam domínios de experiência sensorio-motora sobre domínios abstratos, estruturando, assim, o pensamento e a linguagem.

A partir da teoria da mente corporificada (*embodied mind*), formulada por autores como Johnson (2005) e reforçada por abordagens contemporâneas da semântica cognitiva, entende-se que os processos linguísticos e conceituais são inseparáveis das experiências corporais e culturais. Essa concepção permite explicar como categorias semânticas – especialmente as de natureza polissemântica – se organizam em torno de protótipos e redes radiais dinâmicas e contextualmente motivadas.

Dessa forma, este artigo parte de uma perspectiva experiencialista e centrada no uso para investigar os significados do termo *cabeça* no português brasileiro. Trata-se de um recorte de uma pesquisa mais ampla e fundamenta-se na análise qualitativa de 150 ocorrências extraídas de *corpus* eletrônico. O objetivo é descrever os sentidos mais expressivos evocados pelo lexema, com foco nos mecanismos cognitivos – metafóricos, metonímicos e suas interações – que estruturam a rede polissêmica do lexema *cabeça* em português brasileiro.

DO CORPO AO CONCEITO: SENTIDO, EXPERIÊNCIA E LINGUAGEM

A linguagem é, antes de tudo, um fenômeno humano: emerge do corpo, é atravessada pelas experiências do sujeito e estruturada pelas necessidades cognitivas e intersubjetivas de quem fala. Ao compreender que o ser humano habita o mundo de forma situada, encarnada e dinâmica, torna-se fundamental pensar a linguagem não apenas como código arbitrário, mas também como extensão da percepção e da ação no mundo.

Nesse sentido, a linguística cognitiva propõe um olhar que integra cognição, corporeidade e experiência como bases para a constituição do sentido. Conceitos como prototipicidade, categorização e esquemas de imagem tornam-se fundamentais para entendermos como organizamos o mundo e damos forma ao pensamento por meio da linguagem.

Nesta seção, discutiremos os fundamentos da linguística cognitiva com foco nos vínculos entre corpo e cognição, ressaltando como a experiência sensório-motora e os mecanismos cognitivos moldam o modo pelo qual concebemos e expressamos os significados. Essa perspectiva nos permite compreender de que maneira expressões ligadas ao corpo – como os lexemas somáticos – não são meramente descritivas, mas refletem e constroem modos de pensar e perceber a realidade.

Corpo, experiência e construção de sentido

Como mencionado anteriormente, a noção de *mente corporificada* é central na linguística cognitiva. Segundo essa concepção, mente e corpo não são entidades separadas, mas profundamente interconectadas – o que se contrapõe à tradição filosófica que concebe a mente como uma capacidade autônoma e abstrata. Essa perspectiva está intimamente relacionada ao processo de categorização, entendido como uma habilidade fundamental de qualquer espécie animal, resultante da interação com o ambiente e necessário para reconhecer padrões (alimentos, predadores, semelhantes etc.). De acordo com Lakoff e Johnson (1999), a natureza peculiar do corpo humano molda a forma como percebemos e interagimos com o mundo, influenciando diretamente como categorizamos e conceituamos a realidade e raciocinamos sobre ela.

Em outras palavras, os conceitos aos quais temos acesso e a natureza da “realidade” sobre a qual pensamos ou falamos dependem de nossa corporificação: só podemos falar sobre aquilo que somos capazes de perceber e conceber, e o que podemos perceber e conceber deriva da experiência corporificada (Evans; Green, 2006, p. 46).

Com base nesse enquadramento teórico da mente encarnada, apresentamos, a seguir, dois processos cognitivos fundamentais para a construção da abstração conceitual: os esquemas-imagem e a metáfora conceptual, ambos ancorados na experiência sensório-motora e na orientação corporal.

Esquemas-imagem: padrões corporais que estruturam o pensamento

Sob a perspectiva da mente encarnada, Johnson (2005) propõe que desenvolvemos estruturas preconceituais – os chamados esquemas-imagem – que emergem da nossa interação sensório-motora com o mundo. Esses esquemas são padrões recorrentes e inconscientes, instanciados em mapas neurais topológicos que compartilhamos com outros animais, embora os seres humanos apresentem padrões específicos vinculados à forma do corpo e às características dos ambientes que habitam.

Apesar de pré-verbal e inconsciente, o esquema-imagem desempenha papel essencial na sintaxe, na semântica e na pragmática das línguas naturais. Para Johnson (2005, p. 25), os esquemas-imagem estão na base do significado, sendo fundamentais não apenas para o uso da linguagem, mas também para o raciocínio abstrato e a interação simbólica. É a repetição das experiências corporais

– como se deslocar, manipular objetos, sentir forças – que ativa no cérebro padrões neurais, ou *mapas*, que estruturam o modo como compreendemos o mundo.

Entre os esquemas-imagem mais recorrentes, estão:

- *Contêiner* (dentro-fora): reflete uma experiência corporal primária. O próprio corpo está inserido no ambiente, e desde o nascimento somos expostos à noção de delimitação espacial (útero, cômodos, roupas). Esse esquema se projeta em expressões como “Isso não sai da minha cabeça”, em que a mente é conceptualizada como um recipiente que “contém” pensamentos.
- *Trajeto* (origem-caminho-meta): fundamenta-se na experiência da locomoção e organiza conceitos com base em movimentos orientados. Por exemplo: “Não sei aonde ele quer chegar com essa discussão”.
- *Localização espacial* (acima-abaixo, frente-trás, longe-perto): o corpo é o primeiro ponto de referência para situar elementos no espaço. Isso permite que metáforas espaciais estruturem conceitos como hierarquia e importância, como em: “Ele está na cabeça do time”.
- *Centro-periferia*: representa uma estrutura baseada na organização espacial que se projeta na hierarquização de ideias. Por exemplo: “Essa questão é central no trabalho”.
- *Dinâmica de forças* (empurrar, puxar, apoiar): esse esquema-imagem nasce do contato dinâmico entre corpos e é projetado em situações sociais e cognitivas: “Ela empurrou todo o trabalho só para mim”.

De forma notável, os esquemas-imagem permitem a projeção metafórica de conceitos abstratos, como destaca Rohrer (2007). Por exemplo, o esquema “contêiner” pode ser evocado por palavras como *cabeça* mesmo quando não há manipulação física de um recipiente. Isso evidencia que os seres humanos possuem mecanismos neurais aptos à extensão metafórica desses esquemas, estruturando assim nossa capacidade de abstração.

Dessa forma, os aspectos perceptivos, sensoriais e motores – experiências concretas – estão na base dos processos cognitivos mais abstratos. O fluxo da experiência e do pensamento é, assim, estruturado por esquemas de imagem, que, por sua vez, possibilitam formas complexas de raciocínio, como a metáfora e a metonímia.

Metáfora e metonímia: o pensamento além do literal

A metáfora e a metonímia são dois dos processos cognitivos fundamentais para a estruturação conceitual e semântica. No entanto, a tradição filosófica ocidental por muito tempo restringiu os estudos do significado aos planos literal e declarativo. A herança aristotélica separava o sentido próprio do figurado, o que dificultava o reconhecimento das potências expressiva e cognitiva do discurso metafórico.

A semântica tradicional preocupava-se sobretudo com a relação entre linguagem e mundo (referência e condições de verdade), tomando a oração como unidade básica. No entanto, correntes posteriores – como a pragmática, o enunciativismo e a semântica cognitiva – passaram a considerar o papel ativo do sujeito na construção de sentido.

A linguística cognitiva, em especial, considera que toda estrutura linguística reflete uma organização conceitual subjacente. Nesse sentido, metáforas e

metonímias não são apenas recursos estilísticos, mas também mecanismos cognitivos essenciais que estruturam o pensamento abstrato com base em experiências corporais. As metáforas conceptuais são, portanto, projeções sistemáticas entre domínios de experiência: um domínio concreto (de base sensório-motora) estrutura um domínio abstrato.

Essa perspectiva rompe com o dualismo entre corpo e mente, e permite compreender a linguagem figurada como expressão da racionalidade humana encarnada.

A polissemia sob a perspectiva da semântica cognitiva

A polissemia, fenômeno linguístico que se refere à atribuição de múltiplos significados a um único termo léxico, possui suas raízes na filosofia estoica de Aristóteles. No entanto, foi na década de 1980, com o surgimento da semântica cognitiva, que esse conceito passou a ser encarado de forma diferente. Em vez de ser vista como um desafio teórico, a polissemia passou a ser considerada uma oportunidade para reconectar a linguagem com a cognição e a cultura. Essa perspectiva permite uma revalorização da categorização linguística, que sai do centro de uma visão rígida baseada em condições necessárias e suficientes, e entra no campo das redes de significados mais fluidas e contextuais, ampliando o entendimento sobre a relação entre linguagem e cognição (Silva, 2006).

Sob essa nova óptica, a polissemia deixa de ser encarada como uma falha no sistema linguístico e passa a ser vista como um processo dinâmico, em que os significados atribuídos a um termo são flexíveis e interligados. Por exemplo, a palavra *cabeça* em português pode ter diferentes significados dependendo do contexto: em “fazer as contas de cabeça” (habilidade matemática), em “esquentar a cabeça por algo” (estado emocional) ou em “usar a cabeça para tomar decisões” (racionalidade). Esses significados não são isolados, mas formam uma rede semântica, cuja configuração pode mudar com o tempo. Significados antes proeminentes podem perder relevância, enquanto novos sentidos podem surgir, revelando a natureza evolutiva dessa rede semântica.

A semântica cognitiva, conforme descrita por Lakoff e Johnson (1999), propõe que os conceitos não sejam apenas representações mentais de objetos, mas também configurações neurais que facilitam a categorização e reflexão mental. A partir dessa perspectiva, a palavra *cabeça*, por exemplo, é entendida em termos de um protótipo central, que se expande para outros significados secundários, que podem ser mais periféricos, mas ainda interconectados ao núcleo central do significado. Esse modelo se alinha ao conceito de protótipo, em que a ideia central de um termo é conectada a variações de significado, baseadas na percepção e nas experiências compartilhadas entre os falantes.

Esse entendimento da polissemia como um fenômeno de categorização, que inclui significados centrais e periféricos, é aprofundado por Silva (1999), que destaca a categorização e o significado como os fenômenos linguísticos primários. Ele argumenta que a polissemia é formada por efeitos prototípicos, que são construídos por meio de mecanismos cognitivos como a metonímia e a metáfora. Tais processos cognitivos são fundamentais para a criação de significados, pois possibilitam que um domínio de experiência seja transferido para outro, mantendo a estrutura inferencial do primeiro. A metáfora conceitual, por exemplo, nos permite compreender um domínio de experiência em termos de outro, como *cabeça*

no sentido de “pensamento” ou “liderança”. Essas relações entre os diferentes significados de uma palavra ilustram como o conhecimento humano e a linguagem estão profundamente interligados, e como a semântica cognitiva permite uma compreensão mais fluida e integrada dos significados das palavras.

Além disso, o estudo de Ibarretxe-Antuñano (2010) sugere que a polissemia deve ser vista como uma rede radial, em que o significado principal de um termo está no centro e os significados secundários se organizam ao seu redor, formando uma estrutura em constante mudança e adaptação. Essa rede semântica é dinâmica, com o significado central sendo modificado, ampliado ou mesmo contestado conforme o uso da palavra em diferentes contextos. Esse modelo de rede radial também reforça a ideia de que os significados não são fixos, mas sim flexíveis e dependentes do contexto de uso.

Em resumo, a polissemia, quando analisada sob a perspectiva da semântica cognitiva, é entendida como um processo de categorização que envolve a interligação de significados centrais e periféricos. Por meio de mecanismos como a metáfora, a metonímia e a categorização prototípica, os significados se organizam em redes semânticas que estão em constante evolução, refletindo a interação entre a linguagem, a cognição e a cultura. Essa abordagem oferece uma visão mais rica e fluida da linguagem, permitindo um entendimento mais abrangente de como as palavras e seus significados se conectam e se transformam ao longo do tempo.

ESTRATÉGIA METODOLÓGICA: ABORDAGEM MISTA E ANÁLISE DE CORPUS DIGITAL NA LINGÜÍSTICA COGNITIVA

A presente pesquisa adota uma abordagem metodológica mista, de natureza não experimental, com o propósito de descrever, analisar, explicar e quantificar os significados evocados pelo lexema *cabeça* no português brasileiro. Fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da lingüística cognitiva, o estudo ancora-se na análise de um *corpus* lingüístico construído a partir de plataformas digitais, de modo a representar usos autênticos da linguagem e captar nuances semânticas observáveis em contextos reais de comunicação.

A opção pelo uso de *corpus* digital como instrumento de análise lingüística justifica-se pela sua capacidade de oferecer dados mais representativos e confiáveis sobre o funcionamento da linguagem em uso. Nesse sentido, Silva (1999, p. 72) argumenta que o uso de *corpus* é metodologicamente mais adequado para o estudo dos significados das palavras, pois reflete com maior precisão “o que e como as pessoas falam”. Além disso, esse tipo de abordagem reduz o risco de distorções na identificação de evidências de prototipicidade, quando comparado a métodos introspectivos – que se baseiam na intuição do pesquisador – ou à extração de dados por meio de testes, questionários e experimentos, prática comum em estudos cognitivistas.

Considerando essas vantagens, a análise empreendida nesta pesquisa busca identificar os diferentes valores semânticos atribuídos ao lexema *cabeça* no português do Brasil. A investigação se apoia tanto na frequência e na distribuição dos usos identificados no *corpus* quanto na análise qualitativa dos fatores semânticos, pragmáticos, discursivos, sócio-históricos e conceituais que possam ter motivado as variações e transformações de sentido observadas ao longo do tempo. Conforme enfatiza Silva (1999, p. 64), “a polissemia é, pois, um reflexo

da mudança semântica e, por outro lado, a mudança linguística é um reflexo da flexibilidade da língua”.

Por fim, o tratamento dado à polissemia neste estudo orienta-se pela perspectiva da linguística cognitiva, com ênfase nas abordagens da teoria dos protótipos, da metáfora e da metonímia conceptual, dos esquemas de imagem, bem como das redes radiais e esquemáticas. Essas linhas teóricas oferecem as ferramentas necessárias para compreender os processos cognitivos que organizam os significados lexicais e fundamentam a análise da rede polissêmica associada ao lexema *cabeça*. A pesquisa, portanto, alinha-se aos avanços recentes da semântica cognitiva, campo que tem se consolidado por meio de investigações dedicadas à descrição e interpretação dos mecanismos semânticos e cognitivos subjacentes à polissemia.

RESULTADOS DA ANÁLISE

Os dados analisados nesta pesquisa evidenciam a estreita relação entre corpo, cultura e linguagem, sobretudo na produção de metáforas e metonímias que envolvem o lexema *cabeça* no português do Brasil. A partir da análise das ocorrências extraídas do *corpus* com dez falantes brasileiros e do *corpus* brasileiro, buscamos compreender os processos cognitivos subjacentes à polissemia desse termo, articulando-os às experiências corporais, sociais e culturais.

Do ponto de vista da linguística cognitiva, a linguagem emerge da interação entre mente, corpo e ambiente, o que nos leva a compreender que os significados não derivam apenas da correspondência entre palavras e objetos, mas também da experiência vivida. Como destaca Silva (2006), as mentes estão corporificadas e profundamente integradas ao ambiente, sendo essa interação o ponto de partida para a cognição e, conseqüentemente, para a linguagem. Assim, compreender a polissemia do termo *cabeça* exige considerar não apenas sua dimensão semântica, mas também os aspectos culturais, históricos e sociais que influenciam sua categorização.

Nesse sentido, adotamos uma perspectiva experiencialista e sociointeracional, conforme defendem Lakoff (1987) e Langacker (2008), na qual o significado é fruto do uso, da experiência e da categorização prototípica. Esta última, por sua vez, é entendida como a capacidade humana de perceber semelhanças e diferenças entre entidades, formando categorias mentais organizadas em torno de protótipos. O modelo radial proposto por Lakoff (1987) nos permite visualizar como um núcleo conceitual – no caso, a *parte superior do corpo* – se ramifica em outros sentidos por meio de mecanismos como generalização, especialização, metáfora, metonímia e esquemas de imagem.

Aplicando esse modelo ao estudo do lexema *cabeça*, identificamos que seu significado prototípico remete à parte superior do corpo humano e de outros vertebrados, onde se localizam o cérebro e os órgãos dos sentidos. Esse núcleo serve de base para a construção de uma rede polissemicamente estruturada, na qual sentidos mais abstratos são produzidos por extensão metafórica ou metonímica.

As expressões analisadas foram agrupadas em dois grandes conjuntos: sentidos prototípicos e não prototípicos. Os não prototípicos incluem usos como “cortar a cabeça” (remover alguém de um cargo) e “abrir a cabeça” (tornar-se mais receptivo), nos quais o sentido literal do corpo é projetado para domínios

sociais ou mentais. Em ambos os casos, a estrutura cognitiva que fundamenta o uso da linguagem está presente: o corpo humano, especialmente a cabeça, é fonte para esquemas de racionalidade, controle, hierarquia e autonomia.

A expressão “cortar a cabeça”, por exemplo, revela uma aproximação entre o domínio físico (decapitação) e o domínio social (retirada de poder ou função), demonstrando a proximidade entre metáfora e metonímia. Nesse caso, a cabeça é entendida como centro de poder e comando; sua remoção, portanto, simboliza a perda de autoridade. Essa construção simbólica está ancorada em esquemas imagéticos e valores culturais profundamente enraizados, como o da verticalidade e o da centralidade do poder.

Além disso, constatamos que expressões envolvendo *cabeça* circulam amplamente no uso cotidiano e muitas vezes são naturalizadas, sendo utilizadas sem consciência de seus significados originais ou das motivações cognitivas que as originaram. Isso confirma que a linguagem não é um sistema fixo, mas um processo dinâmico e adaptativo, constantemente remodelado pelas experiências dos falantes.

Portanto, os resultados indicam que o corpo, especialmente a cabeça, funciona como matriz cognitiva e cultural na produção linguística. O estudo das expressões com o lexema *cabeça* evidencia como a linguagem estrutura e reorganiza experiências humanas por meio de categorizações prototípicas e processos metafórico-metonímicos, revelando uma rede de significados que vai do literal ao figurado.

Ocorrências com processo metafórico

Dando continuidade à análise dos significados evocados pelo lexema *cabeça* no português brasileiro, voltamos agora para as ocorrências interpretadas sob o prisma da metáfora conceptual. De acordo com os pressupostos da linguística cognitiva – base teórica desta investigação –, a metáfora é um processo cognitivo fundamental que permite compreender um conceito em termos de outro, por meio da projeção de elementos entre dois domínios distintos (Lakoff; Johnson, 1999).

Para este estudo, tomamos como referência as três categorias principais de metáforas conceituais propostas pelos autores: ontológicas, orientacionais e estruturais. As metáforas ontológicas envolvem a conceitualização de eventos, emoções, ideias ou processos como entidades ou substâncias. As orientacionais, por sua vez, organizam conceitos em função de experiências corporais e culturais de orientação espacial (como alto/baixo, dentro/fora, frente/trás). Já as metáforas estruturais consistem na projeção de um domínio conceitualmente estruturado sobre outro menos estruturado, oferecendo um mapeamento sistemático que organiza a experiência e dá coerência a ela.

A análise dos dados revelou que os sentidos metafóricos representam 11% das ocorrências com o lexema *cabeça*, sendo, portanto, menos recorrentes do que os sentidos metonímicos. Ainda assim, esses sentidos oferecem pistas valiosas sobre como o corpo é mobilizado na construção de conceitos abstratos, sobretudo aqueles relacionados às emoções. Um exemplo expressivo dessa dinâmica é a metáfora “A cabeça é um contêiner cujo conteúdo é a raiva”, associada também à metáfora “Emoção é temperatura”. Nesse esquema, a raiva é vista como um líquido quente contido dentro da cabeça; à medida que a intensidade

emocional aumenta, a “temperatura” sobe e o conteúdo transborda, levando à perda de controle.

As metáforas relacionadas à cabeça e às emoções se fundamentam em experiências corporais frequentes e concretas – como a sensação de calor na região da cabeça em momentos de irritação – que são transferidas para o domínio abstrato dos estados emocionais. Nesse contexto, a raiva é compreendida como uma emoção complexa, que envolve reações físicas, mentais e sociais, com intensidade e duração variáveis, geralmente desencadeadas por fatores cognitivos.

Nesse Modelo Cognitivo Idealizado, a cabeça é entendida como o lócus onde a raiva se acumula, podendo levar ao aquecimento da região e, em casos extremos, ao rompimento simbólico do “recipiente”, isto é, à explosão emocional. Trata-se de um mapeamento conceitual altamente sistemático, ancorado na experiência corpórea, que revela como metáforas estruturam nossa compreensão de estados emocionais.

Assim, mesmo com menor frequência relativa, as metáforas envolvendo o lexema *cabeça* demonstram a importância da corporeidade e da experiência sensível na constituição dos significados linguísticos. A cabeça, nesse caso, não apenas representa uma parte do corpo, mas também funciona como um espaço simbólico de concentração emocional, permitindo a emergência de sentidos figurados a partir de vivências físicas compartilhadas.

- (1) Comprei três *cabeças* de cebola.
- (2) Para fazer a feijoada, uso três *cabeças* de alho.
- (3) Usei uma *cabeça* de couve-flor na salada.

Nesses exemplos, observamos uma construção metafórica baseada na expressão *cabeça*, em que A PARTE SUPERIOR DO CORPO HUMANO É UM VEGETAL. A palavra *cabeça*, originalmente usada para designar a parte superior da anatomia humana, é projetada sobre certos vegetais, como alho, cebola e couve-flor, por apresentarem uma forma arredondada e compacta semelhante à cabeça humana. Esses sentidos metafóricos surgem a partir da observação direta e do conhecimento subjetivo que temos sobre as plantas e sobre nosso próprio corpo, sendo depois transmitidos e compartilhados como símbolos culturais.

De acordo com Lakoff e Johnson (1999, p. 55), a criação de metáforas baseia-se na percepção, nas habilidades psicomotoras e na experiência encarnada – ou seja, na forma como o corpo vivencia o mundo. A partir dessas experiências corporais, projetamos sentidos e organizamos o que vemos, ouvimos e sentimos com base em padrões mentais previamente construídos.

- (4) A casa ficou de *cabeça* para baixo.
- (5) O país está de *cabeça* para baixo com o desgoverno de Bolsonaro.
- (6) As crianças deixaram a casa de *cabeça* para baixo nesta tarde.
- (7) O mundo anda de *cabeça* para baixo, assim como este país.

Nesses exemplos, observamos uma cadeia metafórica composta de dois processos interligados. Primeiramente, há a metáfora *CABEÇA É CONTÊINER*, em que a cabeça é entendida como um espaço que contém elementos organizados – como pensamentos, emoções ou ideias. Quando dizemos que algo está “de cabeça para baixo”, o que se transmite é a ideia de que esse espaço está desorganizado,

caótico, com os conteúdos fora de lugar. Em seguida, aparece a metáfora orientacional BAIXO É PIOR, amplamente fundamentada nas experiências corporal e cultural. Estar “para baixo” sugere um estado de desordem, decadência ou deterioração, enquanto “para cima” tende a representar ordem, estabilidade ou progresso. Assim, ao afirmarmos que uma casa, o país ou o mundo está “de cabeça para baixo”, evocamos uma situação de desorganização, confusão e desequilíbrio – uma metáfora baseada na experiência encarnada, como propõem Lakoff e Johnson (1999), na qual a percepção espacial estrutura nosso entendimento de estados emocionais, sociais ou políticos.

Ocorrências com processo metonímico

Segundo Radden e Kövecses (1999), a metonímia é um processo cognitivo pelo qual uma entidade conceitual, denominada *veículo*, permite o acesso mental a outra entidade conceitual, o *alvo*, ambas inseridas em um mesmo modelo cognitivo idealizado. Nessas ocorrências, observa-se que a *cabeça* é uma parte do corpo humano que se destaca visual e funcionalmente. Ao interagirmos com alguém, tendemos a direcionar o olhar para a cabeça; ao tentarmos reconhecer uma pessoa, recordamos sobretudo sua cabeça. Além disso, os cinco sentidos que constituem a nossa percepção do mundo – visão, audição, olfato, paladar e tato – encontram-se concentrados nessa região. Esses fatores contribuem para que os falantes usem a parte (a cabeça) para se referirem ao todo (a pessoa).

O termo *cabeça* pode ser utilizado para designar a parte superior da anatomia de um animal, de modo análogo ao uso que se faz para o corpo humano. Esse uso baseia-se em um processo metonímico do tipo PARTE SUPERIOR DO CORPO HUMANO POR PARTE SUPERIOR DO CORPO DE UM ANIMAL, em que o conhecimento enciclopédico sobre a organização corporal humana é projetado para outros seres vivos. Como aprendemos, desde cedo, que a cabeça é a parte superior do corpo humano, esse saber é estendido cognitivamente aos animais, justificando o uso da mesma unidade lexical.

(8) A *cabeça* da tartaruga foi esmagada pelo barco.

(9) Mula sem *cabeça* é um personagem do folclore brasileiro.

Um exemplo notável desse mecanismo ocorre na expressão *mula sem cabeça*, que pode aparecer tanto em contextos descritivos – como na frase “uma mula sem cabeça” – quanto como referência a uma figura do folclore brasileiro: a *mula sem cabeça*. Essa é uma das lendas mais difundidas no imaginário popular brasileiro, retratando uma mulher amaldiçoada que se transforma em uma mula cujo pescoço expele chamas no lugar da cabeça. A maldição, segundo a narrativa tradicional, é desencadeada quando a mulher mantém relações sexuais com um padre, refletindo uma tentativa de controle moral e social do comportamento feminino, especialmente no que diz respeito à sexualidade e ao sagrado.

Além de sua função normativa, essa representação simbólica reforça a centralidade da cabeça como sede da razão, da identidade e da humanidade. A ausência da cabeça no ser mitológico acentua o caráter monstruoso da figura, marcando a transgressão social por meio da negação de traços considerados essencialmente humanos. Assim, o uso metonímico da palavra *cabeça*, nesse caso, está profundamente entrelaçado a aspectos culturais, sociais e cognitivos. No uso cotidiano da língua portuguesa, o termo *cabeça* revela uma grande produtividade

semântica, sustentada, em grande medida, por processos metonímicos. Entre os mais recorrentes, está a metonímia do tipo PARTE PELO TODO, na qual *cabeça*, como parte superior do corpo humano, passa a representar a pessoa inteira.

(10) Paguei 10 reais por *cabeça*.

(11) O sufrágio universal, uma *cabeça*, um voto é uma bandeira da Revolução Francesa.

(12) O preço: R\$ 240 por *cabeça*, no mínimo.

Essa relação se fundamenta em um modelo cognitivo idealizado em que o rosto – localizado na cabeça – é o principal ponto de identificação e interação social entre os indivíduos. Assim, quando nos referimos a uma *cabeça*, evocamos, com frequência, a totalidade da pessoa a quem ela pertence. Esse mecanismo evidencia a operação cognitiva de expansão metonímica, em que uma parte do corpo é mobilizada para designar o todo a partir de esquemas conceituais culturalmente compartilhados.

Outra metonímia frequentemente associada ao termo *cabeça* é aquela que a relaciona à vida humana, ou seja, CABEÇA PELA VIDA. Esse uso se ancora na compreensão de que a cabeça é um órgão vital para o funcionamento do organismo. Perder a cabeça, nesse sentido, equivale simbolicamente – e biologicamente – à perda da vida. O valor simbólico atribuído à cabeça como sede da existência reforça sua associação com a ideia de sobrevivência ou morte, sendo essa metonímia facilmente acionada em contextos figurativos e narrativos.

(13) Minha *cabeça* vale US\$ 1 milhão.

Além desses usos, a *cabeça* também adquire significados relacionados à capacidade ou atividade mental. Como o cérebro – órgão responsável pelas funções cognitivas superiores – está localizado na cabeça, é comum que o vocábulo passe a representar, por metonímia, processos intelectuais, tais como pensar, raciocinar, lembrar e decidir. Esse fenômeno baseia-se na metonímia CABEÇA PELA CAPACIDADE/ATIVIDADE INTELECTUAL, em que o falante utiliza uma parte do corpo como contêiner simbólico para expressar seu conteúdo funcional. Assim, o conhecimento enciclopédico é filtrado por meio de um processo de simplificação cognitiva, no qual o termo *cabeça* é esquematicamente associado à atividade mental que nela se concentra.

Portanto, o uso metonímico do termo *cabeça* em português reflete uma rede complexa de associações cognitivas que vão desde a referência ao corpo humano até conceitos abstratos como vida, identidade e pensamento. Tais processos revelam o papel fundamental da metonímia na construção de sentido e na organização simbólica da experiência humana na linguagem. Nesse caso, observa-se o processo metonímico do tipo PARTE SUPERIOR DA ANATOMIA HUMANA PELA COGNICÃO, no qual a *cabeça* é empregada para representar a capacidade mental cognitiva como um todo. Esse uso revela a associação culturalmente sedimentada entre a cabeça e o funcionamento da mente, conferindo ao termo o papel de emblema da atividade cognitiva de cada indivíduo.

(14) Use sua *cabeça* também de formas práticas.

Assim, a palavra *cabeça* é mobilizada para destacar a importância do pensamento reflexivo, da atenção, da memória e do processamento da informação no

comportamento humano. Em contextos discursivos diversos, o uso de *cabeça* indica, de forma implícita, a capacidade de aprender, compreender e reagir ao meio, atribuindo-lhe um valor simbólico ligado ao desenvolvimento intelectual e à atuação consciente no mundo.

(15) Essa situação que vivemos é muito complicada para a minha *cabeça*.

Dentro desse mesmo campo semântico, encontram-se também os sentidos de compreensão e discernimento, igualmente motivados por metonímias do tipo PARTE SUPERIOR DA ANATOMIA HUMANA POR COMPREENSÃO E POR DISCERNIMENTO, respectivamente. No primeiro caso, *cabeça* é entendida como sede da capacidade de entender, isto é, de construir sentidos a partir de informações captadas. No segundo, o termo se associa à habilidade de julgar e tomar decisões – o discernimento –, fundamental para a conduta racional.

(16) Use a *cabeça* antes de falar.

(17) Ele tem que usar a *cabeça* para tomar decisões.

Essas extensões metonímicas reforçam a centralidade da cabeça como símbolo do intelecto, revelando como a linguagem recorre a elementos corporais concretos para expressar abstrações ligadas à mente humana. Ao representar a cognição, a compreensão e o discernimento, o vocábulo *cabeça* evidencia, mais uma vez, a inter-relação entre corpo e linguagem na constituição dos significados.

Interação entre metáfora e metonímia

Nesta seção, analisam-se ocorrências em que os significados emergem da interação entre metáfora e metonímia, um fenômeno cognitivo complexo que combina dois processos fundamentais de construção de sentido. A interação entre metáfora e metonímia contribui para a riqueza expressiva da linguagem, permitindo a ativação simultânea de diferentes níveis de abstração e referência. Nesses exemplos, observamos como a metonímia atua tanto na ampliação quanto na delimitação dos significados derivados da metáfora, gerando nuances semânticas que só podem ser plenamente compreendidas à luz de um modelo cognitivo integrado.

(18) Ele balançou a *cabeça* concordando com tudo que dizia o seu chefe.

Nesse caso, a imagem metafórica é ativada por uma construção visual comum: o movimento da cabeça como gesto comunicativo, em que acenar afirmativamente ou negar com a cabeça representa, respectivamente, conformidade ou reprovação. Assim, a parte superior da anatomia humana – a cabeça – passa a representar conceitos abstratos ligados ao julgamento ou à avaliação de uma situação. O processo metonímico se manifesta quando o gesto físico (movimento da cabeça) é interpretado como um acesso conceitual ao estado mental ou à atitude da pessoa. Dessa forma, temos uma metonímia da parte do corpo pela atitude (*cabeça* por conformidade/reprovação), integrada a uma metáfora visual que associa movimento corporal a estados internos.

(19) Afinal, o Vasco pode ter balançado a *cabeça*, em sinal de entendimento, na patética reunião de quinta-feira na Federação Paulista de Futebol.

Nos exemplos anteriores, o que se observa é que o falante de português recorre à sua experiência corporal e culturalmente compartilhada para expressar

significados relacionados a atitudes mentais ou sociais. Especificamente, o ato de mover a cabeça verticalmente é interpretado como sinal de conformidade ou aceitação, enquanto o movimento horizontal indica desaprovação ou reprovação.

Esse uso baseia-se em um conhecimento enciclopédico e corporalizado: o corpo, especialmente a cabeça, atua como meio de comunicação não verbal. A linguagem, nesse contexto, opera por meio de um processo metonímico, em que uma parte do corpo humano (a cabeça em movimento) dá acesso ao entendimento de estados mentais ou posicionamentos sociais (conformidade/reprovação), com suporte metafórico da construção gestual.

(20) Agora é a sua grande chance de elucidar o que o senhor estava fazendo com os olhos fechados e balançando a *cabeça*.

Ambos os gestos são sinais visualmente interpretáveis pelo falante. A partir deles, identifica-se a ocorrência da metonímia O INSTRUMENTO PELA AÇÃO, na qual uma parte do corpo – nesse caso, a cabeça – é utilizada como instrumento para expressar uma ação específica. Essa ação, por sua vez, está ligada aos sentidos de conformidade ou reprovação.

Desse modo, o falante acede ao domínio-fonte de um processo metafórico por meio de uma estrutura metonímica, ou seja, a metonímia atua como uma porta de entrada para a metáfora. Tal articulação entre os dois processos cognitivos é natural na língua e cultura do falante de português, refletindo uma tendência a utilizar o corpo como meio expressivo para representar estados mentais ou atitudes sociais. Portanto, concluímos que o processo metonímico está presente na base conceitual (fonte) que possibilita o funcionamento do processo metafórico.

A conceptualização da *cabeça como um objeto sólido*, evidenciada nos exemplos anteriores, nos permite propor a metáfora conceptual A CABEÇA É UM OBJETO (SÓLIDO). Nesse processo, a cabeça é entendida como um recipiente dotado de dureza, o que impede a entrada de elementos externos – como ideias ou pensamentos. Além disso, ao ser vista como um contêiner, a cabeça pressupõe a ideia de preenchimento, isto é, de conteúdo mental ou cognitivo. Metonimicamente, a cabeça representa a pessoa; metaforicamente, essa mesma cabeça é conceptualizada como um objeto sólido. Assim, quando se afirma que alguém tem uma “cabeça de material sólido”, o que se expressa é que essa pessoa é teimosa ou obstinada, justamente porque *não permite a penetração de novos conteúdos* no seu “recipiente mental”. Essa resistência à entrada de ideias também implica dificuldade de transformação interna: o conteúdo existente é rígido, inflexível e resistente a mudanças. Dessa maneira, a imagem metafórica da cabeça sólida associa-se à *irracionalidade*, uma vez que se trata de um sujeito impermeável ao raciocínio, ao diálogo ou à abertura para novos conhecimentos.

(21) Fulano tem uma *cabeça vazia*.

(22) Agiu como um *cabeça oca*.

Assim como no exemplo anterior, o caso a seguir se baseia na construção metafórica A PARTE SUPERIOR DA ANATOMIA HUMANA É UM CONTÊINER. A diferença, contudo, está no adjetivo que qualifica esse contêiner: “aberto”. Quando dizemos que alguém tem a “cabeça aberta”, ativamos a imagem metafórica de um recipiente cuja abertura permite a entrada de novos conteúdos – no caso, ideias, valores, perspectivas ou informações. Esse tipo de conceptualização implica que a pessoa é *receptiva e flexível*, ou seja, propensa à mudança e ao

aprendizado. Em oposição à imagem da cabeça como objeto sólido e fechado, nesse caso o lexema *cabeça* não representa rigidez, mas *permeabilidade, disponibilidade e aceitação do novo*. Dessa forma, concluímos que a metáfora da cabeça como um recipiente aberto está diretamente relacionada à *disposição cognitiva e emocional* de um sujeito diante da diversidade de pensamentos, o que, na linguagem cotidiana, é entendido como uma pessoa de “mente aberta”.

(23) Maria, apesar de ser crente, tem a *cabeça* aberta para as outras religiões.

(24) Devemos ter a *cabeça* aberta para o novo.

(25) Mas é preciso ter a *cabeça* aberta para ir se adaptando.

CONCLUSÃO

Conclui-se, a partir da análise do lexema *cabeça* no português brasileiro sob a perspectiva da semântica cognitiva, que a polissemia desse termo está fortemente ancorada nas experiências corporal e social dos falantes. Observou-se que, embora o uso mais frequente esteja relacionado à referência anatômica, o lexema também participa de construções metafóricas e metonímicas que permitem representar conceitos abstratos, como pensamento, inteligência e vida. Esses resultados corroboram a teoria da metáfora conceitual proposta por Lakoff e Johnson (1999), ao evidenciar que a linguagem se estrutura com base em processos cognitivos fundamentais, sustentados por conhecimento enciclopédico e por interações com o mundo vivido.

Além disso, os dados analisados reforçam a eficácia da semântica cognitiva como abordagem teórica para o estudo da polissemia lexical e gramatical, ao considerar os contextos mentais, discursivos e socioculturais nos quais os significados são construídos. A polissemia do lexema *cabeça* revela-se, assim, como um fenômeno natural, derivado da experiência corpórea e da maneira como os falantes organizam cognitivamente o conhecimento. Este estudo contribui para uma compreensão mais ampla da relação entre linguagem, corpo e significado, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos para futuras investigações sobre os mecanismos de construção semântica no léxico do português brasileiro.

FROM ANATOMY TO ABSTRACTION: METAPHORICAL AND METONYMIC MAPPINGS OF THE TERM *CABEÇA* IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Abstract: This article analyzes the construction of meaning for the lexeme *cabeça* (head) in Brazilian Portuguese, based on cognitive semantics. The study focuses on the metaphorical and metonymic processes that structure the term's polysemy, considering language as a symbolic activity rooted in cognition and bodily experience. Twenty-five occurrences of the term were examined from an electronic corpus, selecting the most expressive uses. The results indicate mappings based on image schemas, conceptual metaphors, and metonymies, organized into prototypical structures and radial networks. The research highlights the body as a central conceptual source.

Keywords: Polysemy. Cognition. Head. Metaphor. Metonymy.

REFERÊNCIAS

- EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- IBARRETXE-ANTUÑANO, I. Lexicografía y lingüística cognitiva. *Revista Española de Lingüística Aplicada*, v. 23, p. 195-213, 2010.
- JOHNSON, M. The philosophical significance of image schemas. In: HAMPE, B. (ed.). *From perception to meaning: image schemas in cognitive linguistics*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2005. p. 15-33.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LANGACKER, R. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- RADDEN, G.; KÖVECSES, Z. Towards a theory of metonymy. In: PANTHER, K.-U.; RADDEN, G. (ed.). *Metonymy in language and thought*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 17-59.
- ROHRER, T. Embodiment and experientialism. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 117-138.
- SILVA, A. S. D. *A semântica de deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1999.
- SILVA, A. S. D. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.